

## A mídia liberal diante da barbárie



Por **CAIO NAVARRO DE TOLEDO\***

*A pretensa neutralidade da mídia liberal desfaz-se quando sua linguagem, ao transformar massacre em “efeito colateral”, revela uma cumplicidade silenciosa com a barbárie que se recusa a nomear*

I.

Diante do conflito Israel x Palestina, é uma realidade inequívoca que a grande mídia corporativa ocidental (agências de notícias, TV's, Rádios, portais de notícias online etc.) se posiciona, sem hesitação, na defesa incondicional do Estado de Israel. De forma eloquente, a atual guerra contra Gaza se configura como um caso exemplar desse posicionamento.

As estarrecedoras imagens de mortes de civis (crianças, mulheres, jovens) e da destruição de hospitais, escolas, postos de assistência humanitária, abrigos de refugiados e outros espaços em Gaza têm sido interpretadas como “efeitos colaterais” da *guerra justa* perpetrada pelo Estado de Israel na região a fim de erradicar o “grupo terrorista” do Hamas.

Sob a perspectiva da quase totalidade dos noticiários da mídia ocidental, a intensa utilização do poderoso arsenal bélico das Forças Armadas de Israel – sob o eufemismo de *Forças de Defesa de Israel* (FDI) – está inteiramente justificada, pois estaria em jogo a sobrevivência do Estado e da sociedade democrática de Israel... As dantescas cenas de destruição humana e material podem ser lamentadas, mas os porta-vozes da grande mídia corporativa, além de não se solidarizarem com o drama palestino, negam-se a pronunciar a palavra genocídio para identificar a natureza da ação das FDI em Gaza.

A grande mídia corporativa no Brasil – representada pela Rede Globo, GloboNews, CNN, TV's (Bandeirantes, Record, SBT), os três maiores jornais impressos (*Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*) – não deixa de se orientar pelo estilo de jornalismo adotado e imposto pelos grandes órgãos de comunicação do ocidente.

Reconheça-se que, entre os jornais da grande imprensa brasileira, a *FSP*, talvez, seja o único veículo que, regularmente, publica textos (artigos, ensaios e abaixo-assinados) de acadêmicos e militantes solidários ao povo palestino e críticos da barbárie em Gaza; no entanto, entidades e intelectuais sionistas, igualmente, têm espaço garantido no jornal a fim de que possam justificar as ações militares contra a população civil palestina e atacar o alegado “antisemitismo” dos críticos da política bélica de Israel.

Se, de um ponto de vista democrático e humanitário, o comportamento da FSP deve ser ressaltado, é certo, contudo, que o jornal, por meio de seus editoriais, jamais admitiu que, em Gaza, o genocídio é uma política do Estado de Israel. Ou seja, o jornal liberal-democrático – embora admita e condene o “morticínio” (realidade inevitável em conflitos bélicos duradouros) – recusa-se, editorialmente, a empregar a noção de genocídio, tal como entidades de direitos humanos e instituições democráticas de todo o mundo têm reconhecido e denunciado. Entre elas, destacam-se a qualificada *Associação Internacional de Estudiosos do Genocídio*, a *Comissão de Inquérito Internacional Independente* da ONU, a *Anistia Internacional*, além de organizações de direitos humanos israelenses, como são a [B'Tselem](#) e a [Physicians for Human](#)

# a terra é redonda

[Rights-Israel](#) (que, de forma digna e corajosa, falam em “nosso genocídio” em Gaza).

Neste sentido, reitere-se, a FSP, editorialmente, se comporta de forma idêntica ao *Estadão*, *O Globo*, *Globo News*, *CNN-Brasil* e demais órgãos da mídia liberal no país.

No caso específico da FSP, quais as razões e motivações que explicariam a negação do emprego da noção jurídica de genocídio em seus editoriais que clamam pela paz e fazem reparos críticos ao atual governo de Israel?

Certamente, a utilização da grave noção – que, de imediato, é associada ao Holocausto nazista – implicaria o veemente repúdio da Embaixada de Israel no Brasil e de influentes entidades (entre elas, Conib, FSB, StandWithUs Brasil) contra o jornal que busca manter um respeitoso e privilegiado relacionamento com as entidades e os intelectuais sionistas. No entanto, para os donos e editorialistas da FSP, mais relevantes e sensíveis seriam as reações de empresas (industriais, comerciais e financeiras) que poderiam cortar gastos publicitários e reduzir o apoio financeiro, regularmente, concedidos ao jornal.

Sobre a questão de represálias, cabe, de forma breve, lembrar que, em vários países ocidentais, todos e todas (entidades e indivíduos) – que identificam a ação do Estado de Israel em Gaza como uma prática de genocídio e manifestam solidariedade ao povo palestino – têm sido objeto de retaliações diversas: demissões de empresas e entidades públicas, da docência e da condição estudantil em universidades, além de projetos de pesquisa serem vetados, financiamentos suprimidos e processos judiciais abertos sob a alegação de *antisemitismo* etc. [\[1\]](#)

## II.

Nesta breve Nota sobre a cobertura facciosa e enviesada da mídia sobre a destruição de Gaza, destaco o caso exemplar de uma matéria publicada, dias atrás, pelo *site*, de orientação liberal-democrática, *Poder360*.

Por meio dessa matéria, o *site*, que abriga colonistas de comprovadas posições democráticas, [parece regozijar-se ao informar, de forma sucinta](#), que “o porta-voz das FDI (Forças de Defesa de Israel), major Rafael Rozenszajn, 45 anos, visitou a sede do jornal digital *Poder360*, em Brasília, nesta 4ª feira (12.nov.2025). Estava acompanhado de Kathia Kozlowski, representante da Conib (Confederação Israelita do Brasil) em Brasília”. Fotos dos dois sorridentes sionistas ilustram a matéria.

Ao leitor, no entanto, nada é informado sobre o poderio militar das FDI, hoje posicionadas em 15º lugar no *ranking* das forças armadas de todo o mundo. Igualmente, nenhuma relevância é dada ao fato das FDI – apoiadas militar e financeiramente, de forma permanente e multibilionária, por todos os governos dos EUA – se destacarem pela sua sofisticada tecnologia de ponta, equipamentos altamente letais e sólido sistema de defesa.

Nenhum comentário da editoria do *site*, igualmente, é feito a fim de lembrar que as FDI têm um papel central e decisivo na destruição da infra-estrutura civil de Gaza e nas mortes, segundo fontes insuspeitas, de mais 67 mil palestinos, além de mais de 170 mil feridos e desaparecidos.

Por último, seria descabido julgar que caberia à Editoria do *site* informar seus leitores sobre o comportamento de soldados de Israel nas ações contra Gaza? Além de vídeos na internet, que documentam as comemorações dos soldados após as chacinas realizadas (danças, cantos e falas festivas), igualmente, graves denúncias de violações dos direitos humanos e “crimes de guerra” têm sido feitas por agências da ONU, entidades de direitos humanos e, inclusive, por ex-soldados israelenses.

Reconheça-se que, em princípio, *Poder360* não pode recusar as solicitações de visitas à sua sede. Provavelmente, o porta-voz das FDI – desempenhando as funções de relações públicas das forças armadas de Israel – esteja visitando outras redações jornais e de *sites* do país. No entanto, ao se regozijar com a presença do porta-voz das FDI e não se posicionar,

# a terra é redonda

editorialmente, sobre esta visita de elevado simbolismo, o jornal digital acaba revelando seu apoio ou conivência à ação do aparelho militar de Israel, responsável pela barbárie em Gaza.

Por meio da publicação desta matéria, *Poder360* revela que os ideais de *isenção*, *neutralidade* e *objetividade* afirmados em sua proposta editorial, típica da mídia liberal, *se desmancham no ar...* Por meio desta publicação, *Poder360* tomou partido ao lado de cúmplices e responsáveis pelo genocídio na Palestina.

Por último, a questão que se coloca ao conjunto da mídia liberal-democrática é a de saber se, diante de tragédias humanitárias semelhantes à de Gaza, é possível manter *neutralidade* e *isenção* sobre a realidade social conflitiva e contraditória. Ao deixar de questionar o regime colonial de Israel, o conjunto da mídia liberal-democrática, no Brasil e no mundo, na prática, torna-se cúmplice e aliado das potências que apoiam o genocídio e negam o direito à existência de um Estado Palestino livre e soberano.

---

[1] No Brasil, a acusação de *antisemitismo* tem sido desferida por entidades sionistas a jornalistas e docentes universitários. Entre os jornalistas, Breno Altman, autor e militante antissionista de origem judaica, é o mais destacado. Em [A Terra é Redonda](#), vários textos sobre os processos judiciais que ele tem sofrido são divulgados. No final de 2024, a FUNDASP, Fundação São Paulo, mantenedora da PUC-SP, cedendo às pressões de sionistas da Universidade, solicitou esclarecimentos a dois qualificados docentes e pesquisadores, [Bruno Huberman e Reginaldo Nasser](#), acusados de difundirem “ideias antisemitas” em seus cursos na instituição.

**\*Caio Navarro de Toledo** é professor aposentado da Unicamp e membro do comitê editorial do site marxismo21. É autor, entre outros livros, de *O Governo Goulart* e *o Golpe de 64* (Brasiliense)

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**